

Abel Varzim

1902 - 1964

Cantou Missa em 29-06-1925  
Na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim

Affiliados  
da  
Juventude

FORUM ABEL VARZIM  
DESENVOLVIMENTO  
E SOLIDARIEDADE

todos os direitos  
reservados

Quando estudante (seminarista)  
nos seminários de Braga  
... pelos anos de 1920/1921

A. V. M.

Cristóvão-Barcelos, aos 18 de Março de 2005

## ~ Introdução ~

Dentro das quatro paredes do meu quarto, unicamente ornadas pela minha roupa que sai dependurada de quatro cabides, eu sinto-me acabrunhado com o peso dos meus livros, que me obrigam a estudar. Mas eu quero, de vez em quando, dar repouso à minha inteligência já cansada de tanto estudo; mas como não se dá bem com a minha indole o não fazer nada, eu pego da minha nêgra lapiseira e dum pouco de papel e começo a rabis-car quatro frases sujeitando-as a uma certa medida silábica. Fui fazendo alguns versos, que de versos só tinham a forma, para me distrair, deixando por um pouco os meus livros!

Desses versos, muitos rasquei, porque assim o julguei conveniente, pois que não prestavam para nada, e muitos outros andavam dispersos pelas mãos de alguns amigos e que por lá ficaram. Dando, há dias, uma revista aos meus bolsos, livros do trabalho de guardarem e esconderem dinheiro, e à gaveta de minha mesa, eu fui encontrar algumas poesias. Deu-me a curiosidade de as coleccionar... e assim o resolvi. Por isso aqui estão neste livro a que dou o nome de

### Lira Quebrada

pois que nenhum som agradável sou capaz de tirar dela. Portanto, se algum dia, este meu despretensioso livrinho chegar às mãos de alguém, eu peço que não repare nas faltas e imperfeições que elle tem, pois eu não o fiz com o intuito de ser lido por quem quer que fosse. Tanto não merece! Se o fiz foi unicamente para mais tarde ver em que empregava o tempo que me sobrava.

São recordações da mocidade que se tornam agradáveis quando mais tarde as recordarmos.

Fausto de S<sup>ta</sup> Helena  
(Abel Varzim)

1920 ?

- Quando estudante - seminarista

- Cópias feitas por Adelino Mário Varzim Miranda (sobrinho do autor), com 74 anos, a partir dum manuscrito por si reconhecido como autêntico mas já fotocópia, desconhecendo-se a proveniência desta bem como o paradeiro do seu original.

© Todos os direitos reservados

Cristelo, Barcelos - Março de 2005

Adelino Mário Varzim da Silva Miranda

# À Cruz

Salvé! Salvé! Ó Cruz do Redentor  
Madeiro sempre amado por Jesus!  
És tu da terra o sal, do mundo a luz  
Amada companheira do Senhor!

No calvário da vida e no da dor  
Abres, risonha, teus braços, ó Cruz,  
Pra abraçar o infeliz que se condiz  
No caminho do crime: o pecador.

Recolhes em teu seio os que chamaste  
E que, fiéis, ouviram os teus brados  
Vindo entregar a, ti, o coração.

Ah! tu és ditosa, ó Cruz, porque mudaste  
De patíbulo dos justificados,  
Em símbolo do amor e do perdão

Março de 1920

# O Mar

Como é lindo! - Que belezas tem o mar  
Nas suas águas vastas e salgadas!  
Quando mansinhas são e esverdeadas,  
Atractivos e encantos tem sem par!

Ensina-nos, a todos nós, a amar:  
Quer ao vir as areias despenhadas  
Pelos ventos ferozes maltratadas  
Tão de mansinho e tão meigo beijar;

Quer quando se levanta furioso  
Como para os penedos derrubar,  
E se mostrar aos homens majestoso.

FORUM ABEL VARM  
RESERVA DO IMPLANTADO  
SOLIDARIEDADE  
© Todos os direitos reservados

Tranquilo, iguala a mãe com alegria  
Quando seu querido filho vai beijar  
E, bravo, dos heróis a valentia!

Setembro de 1920

# O Prazer

Risonho e alegre o misero prazer  
Seduz com mil venturas o inocente  
Que com ele caminha alegremente  
Na esperança dum mais feliz viver.

Ilusão!... O prazer não tem poder  
Para saciar a alma descontente  
Que, cedendo à vaidade, impaciente,  
Só nos gosos procura feliz ser!

Como nas campinas as crianças  
Seguindo a borboleta de mil cores  
O tebril numa risonha madrugada,

Só pô lhes fica de tantas esperanças!  
Assim, depois do goso, aos pecadores  
Que lhes fica? - O remorso, o pô e o nada!

Março de 1920

# A Virgem

No dia em que faço 18 anos

Desse trono de glória lá Ceu  
Onde onde <sup>cerceado</sup> estais de resplendores.  
Volve teus olhos puros, benfeitores  
Para mim que sou humilde filho teu.

Hoje que na manhã me acho da vida  
Humilde imploro tua protecção  
Para que de mim tenhas compaixão,  
E com amor me ajudes nesta lida.

Ah! tu és minha <sup>mãe</sup>, Virgem Formosa  
E porque o és, acolhe com bondade  
A oração de teu filho, casta rosa!

Portanto agora sê o meu farol,  
E leva-me para a tua eterna herdade  
Quando a vida chegar ao pôr do sol!

29 de Abril de 1920

# A Maria

- Por Portugal -

**M**ãõ desprezes, ó Maria,  
Esta nossa petição  
Que a teus pés, rosa em botão  
Te depomos com amor.

**A**tende ao que vos pedimos,  
Ó Maria, Mãe de Deus;  
Porque somos filhos teus  
E te amamos ternamente

**L**á no céu, onde com Deus  
Uma e'roa tens de glória;  
Seja a ti satisfatória  
Esta nossa devoção.

**V**olve os olhos cá p'rá terra,  
Para o povo português  
Que em Valverde, Ourique e Fêz  
Defendeu tua candura.

**M**ais formosa sois que a aurora,  
Mais brilhante até que o sol;  
Nesta vida sê farol  
De teu povo português.

**S**e dos anjos lá no céu  
Muito qu'rida sois madrinha  
De Portugal sois rainha  
Muito terna e carinhosa.

**A**bençoa com amor  
Estes teus filhos queridos  
Que te pedem com gemidos  
Ó Mãe, salva Portugal.

29 de Abril de 1920



# Belém

**L**á no céu se ouviu, enfim  
 No relógio da bondade,  
 Esse som que a humanidade  
 Tinha, há muito, desejado.  
 Deu na terra meia noite  
 No maior rigor do inverno;  
 E no abismo cru do inferno  
 Tudo tremeu assustado!

**L**egião imensas d'anjos  
 Descem à terra dos céus,  
 P'ra cantarem ao seu Deus  
 A porfia hinos de amor  
 E José, vendo chegado  
 O momento de nascer  
 O Deus de todo o poder  
 O seu Rei, o seu Senhor

**M**uito triste e atribulado  
 Percorreu Jerusalém  
 Mas só achou em Belém  
 Um abrigo p'ra Jesus  
 Numa escura grutasinha  
 De guardar o gado imundo  
 Havia de vir ao mundo  
 O que fez a Terra e a luz!

**M**as... perdeu-se esse som  
 do relógio da Bondade  
 Pela vasta eternidade,  
 Por fim à terra chegou.  
 E naquela pobre gruta  
 Onde se achava Maria  
 Tudo em plácida alegria  
 De repente se mudou.

**E**ntre cânticos de glória  
 Pelos anjos entoados  
 Veio ao mundo a flor dos prados,  
 Nasceu humilde Jesus:  
 Esse bom Deus que mais tarde  
 Trinta e três anos passados,  
 Teria os braços pregados  
 A dois braços numa Cruz.

Dezembro de 1920

# A Aurora

**A**fastando-se vão as densas trevas  
 E pressadas fugindo à luz da aurora,  
 Que suas cores mudando pouco a pouco  
 Nos oferece uma cena encantadora

**P**ela branda luz da aurora despertadas  
 Com ingente alegria as avezinhas  
 Já o aromatisado espaço fazem  
 Queer no ar traçando extravagantes linhas

**B**atendo mui ligeiras suas asas  
 Queer soltando dos peitos namorados  
 Da sedutora aurora, os mais ternos,  
 Mais suaves e mais meigos trinados.

**S**olta o melro assobios ressonantes,  
 Chibream os pardais nos arvoredos  
 Enquanto que uma fonte faz cantar  
 Suas águas, saltando nos penedos.

© Todos os direitos reservados

## A AURORA - continuação

Aqui e além num pobre campanário  
Echoa o toque das Ave'-Marias,  
E sua majestosa voz casando  
Co'os trinados d'amor das cotovias.

Há duma chaminé espesso fumo  
Circulando se perde lá nos ares  
E ao canto sedutor das avezinhas  
Vai juntar dos homens os cantares.

No horizonte se encontra desenhada  
Uma bela e doirada nuvenzinha  
E o rubicundo sol se vai erguendo  
Por detrás duma branca capelinha,

Vendo com seus raios inda débeis  
Cheios de medo e pueris temores,  
Beijar as aromáticas corolas  
Das pudibundas e orvalhadas flores.

Janeiro, de 1921

# O Pecador Arrependido

"Cor contritum et humiliatum,  
Deus non despiciet"

**P**equiei! Do teu imenso e terno amor,  
Ó meu Deus, cego e louco me afastei!  
Do baptismo a inocência profanei  
Marchando no prazer o seu alvor!

**Q**uis afastar de mim a cruz, a dor  
Calcando aos pés a tua santa lei;  
Mas desde que de ti me separei,  
Acabei só maior cruz e dor maior.

**M**as agora humilhado e arrependido,  
Depois de cometer tantos peccados  
Que, fagueiros, me haviam iludido,

**V**enho implorar o teu perdão, Senhor,  
E, co'os olhos em lágrimas banhados,  
Saciarme na paz do teu amor!

Fevereiro de 1921

Nota: Este soneto foi publicado no número 643  
de "O Diário do Minko, do dia 21 de  
Maio de 1921.

# Férias

Desde que o sol desponta magestoso,  
Entre os ternos encantos da alvorada  
Ou mesmo numa triste madrugada  
Dum dia melancólico e chuvoso,

Até ir pachorrento e vagaroso  
Mergulhar sua face delicada  
No mar, na vasta água esverdeada;  
Desde que a lua cheia o vaporoso

Espazo com seus raios vai ferindo  
Até que surge a sorridente aurora  
Quer estando acordado, quer dormindo,

Quer pensando nas coisas as mais sérias;  
Sempre uma ideia meiga sedutora  
Me preocupa o pensamento: Férias!

Março, de 1921

## Férias - Continuação

Quando nuvens de fumo vão subindo  
E passando perante o meu olhar;  
Quando o oco, o comboio, assobiar  
E nele vou para férias ledó e rindo

Quando gosando a paz da minha terra  
Depois de meu martírio ter deixado,  
Depois de ter os meus livros fechado  
Que me causavam uma eterna guerra;

Quando vou pelos campos passear  
Do despontar do sol da madrugada  
Por entre a verde relva aveludada  
Ouvindo dos pardais o chilrear;

Quando à tarde, depois do meio-dia  
A sombra de mimosos salgueirais,  
Ou debaixo de umbrosos carvalhais,  
O canto sedutor da cotovia

Maravilhado estou a apreciar;  
Quando esento o murmúrio dum fonte,  
Que pela encosta rígida dum monte,  
Sua água, de mansinho faz saltar;

Quando passear eu vou solitário  
Quando o sol espargindo saudades,  
De nós se despede ao som das Trindades  
Que desce dum humilde campanário;

Quando na solidão da minha aldeia  
Entusiasmado estou, no céu a ver,  
Quanto é belo o surgir, quanto o nascer  
Formoso e pálido da lua cheia;

## Férias - Continuação

Quando da liberdade estou gosando  
Livre dos livros, livre do tormento,  
Um dia me parece um só momento  
E o viver apetece, é suave e brando!

A terra já parece um paraíso  
Quando as férias nos vêm vivificar,  
E nos vêm com ternura consular  
Com o seu meigo e encantador sorriso!

Deus vos salve, ó santas férias,  
Sorriso doce do Céu!  
Vós sois a paz, sois a vida  
Do triste coração meu!

Tu és o canto suave  
D'amorosa cotovia!  
És a bela flor dos prados  
És da música a harmonia!

Do estudante és o consolo,  
Sua vida e alegria!  
De noite és a lua cheia  
E sol ardente de dia!

És oásis no deserto  
És o perfume da flor  
És do céu a cor azul  
Da azevema és o albor!

És um umbroso sobreiro  
Aberto do caminhante!  
Consolo, paz - E que mais  
És? - És a alma do estudante!



## Férias - continuação

**P**or isso dentro em mim fica a saudade  
Quando de ti me tenho de apartar:  
E passo o tempo sempre a suspirar,  
Meditando na tua caridade!

**T**u es para mim uma outra divindade  
Que não me cansarei de venerar,  
Pois que vens com ternura consular  
A minha atribulada mocidade!

**V**ia, pois, vem transpor essa trincheira  
Que te afasta de mim, e apressa o dia  
Em que, da liberdade co'a bandeira,

**M**as-de partir as portas da prisão,  
E trazer, vencedora, essa alegria  
Ao meu desconsolado coração!

Março de 1921

# O Naufrágio

Ao meu amigo Felix da Silva  
agradecendo o oferecimento da colec-  
ção de lindas poesias intitulada  
"Recordações", que por ele me  
foi oferecida no dia dos meus anos.  
29-4-1921

**N**oite! Densas nuvens denegridas  
Galgando o espaço vão!  
Grossas vagas percorrem destemidas  
Dos mares a amplidão!  
Não scintila no céu nenhuma estrela,  
Nem aparece a face marivosa  
Da lua de cristal, pois a esconde-la  
Esta das nuvens a face tenebrosa!

**U**ma barca, no mar, ainda perdida  
Vogando sem amparo,  
Dumas ondas para as outras impelida  
À mercê desse avaro  
Que o mundo chama vento! Nela estão  
Três homens a pedir, com rôgo terno  
Pra seus pecados, a Jesus, perdão,  
Pra as almas suas o descanso eterno!

**O** Deus, que em tuas mãos tens o poder  
Das ondas amansar,  
Esses homens não deixes, não, morrer  
E a barca socobrar!  
Apazigua as ondas revoltosas,  
Despe o céu, esse céu azul tão lindo  
Dessas ingentes nuvens perigosas  
As estrelas e a lua descobrindo!

## O Naufrágio - Continuação

**M**as, ó Deus, tu que és justo e és bondoso  
Faz cumprir Teus decretos!  
Mostra ao homem altivo e tão vaidoso  
Teus poderes secretos!  
Dá, pois, à barca o mar por mausoleu;  
Deixa continuar e os seus rigores  
O vendaval! Mas leva para o céu  
As almas desses pobres pescadores!

**A** escuridão que apenas é coetada  
P'lo pálido faiscar  
Do relâmpago, é enorme! E da trovoadá  
O seco ribombar  
Causa medo e terror! O frio vento  
Arroja para a praia o irado mar,  
Com rapidez maior que o pensamento  
Com grande estrepito no seu nivar

**S**obre a praia dois olhos amorosos  
Chorando estão, de alguém!  
Esse alguém é dos homens desditosos  
A desditosa Mãe  
Estende o seu embaciado olhar  
Com o coração cheio de amargura  
P'la vastidão do embravecido mar...  
E não encontra aqueles que procura!

**C**ontinua, entretanto, a tempestade!  
Estalam os trovões!  
Scintila o raio! E rugem sem piedade  
Medonhos furacões!  
O mar levanta-se no seio seu  
Reindo dos raios, rindo do trovão!  
Ergue-se furioso até ao céu  
E desce a rugir, qual outro leão!

## O Naufrágio - Continuação

**E**a barca, a pobre barca, é maltratada  
Pelo vento feroz  
Que a sobe e a faz descer desamparada,  
Numa onda, veloz!  
E o trovão continua sem cessar;  
E faiscam raios novamente.  
E, de pé, nas areias junto ao mar,  
'Stá a mãe a chorar continuamente!

**E**stende o seu olhar pela vastidão  
Do embravecido mar,  
E repentinamente o coração  
Cessa-lhe de pulsar!  
E' que vê dum relâmpago a refulgir,  
Que as trevas densas lhe veio rasgar,  
A barquinha subir... subir... subir...  
E descer p'ra sempre ao fundo do mar!...

29 de Abril de 1921

E' neste dia que eu faço 19 anos!

Ao meu amigo Carlos Alves da Silva  
no dia de seus anos

**E**u não sei o que de encantos  
Tem este mês de Maria!  
Já desde o romper do dia,  
Tudo ri alegremente!

**O** voar das andorinhas  
Pelo espaço tão ligeiras;  
O florir dessas rosas  
Que tem do céu a candura

**O** trinar dos passarinhos  
Que é tão meigo e encantador  
E à noite, ao sol pôr  
As lindas cores do horizonte

**S**ão outras tantas belezas  
Que alegam o coração  
Do que habita a solidão  
Neste mundo de amarguras!

**A**ssim tu tens os encantos  
Que este mês tão lindo tem  
Pois que floresces também  
Como agora a natureza.

**V**azes anos neste mês?  
Pois colhes mais uma flor  
Daquelas que o criador  
Dotou de suma beleza!

**E**vais colhendo e juntando-as  
Sem perderem a frescura,  
Até que na sepultura  
Caíam, secas, suas pétalas!

**P**or isso eu vou a Jesus  
Pedir com santo fervor  
Que lhes conserve o frescor  
Por esses anos além!...

5 de Maio de 1921

Ao meu Amigo Júlio Dias Cubelo  
 Soares - no dia dos seus anos.

Desabrocham lindas flores  
 Neste mês da Virgem Pura!  
 As roseiras de mil cores,  
 Têm do céu a formosura.

O lindo cantar das aves  
 Enebria o coração!  
 E que são hinos suaves  
 À Virginea Conceição

E tu colhes estas flores  
 Que estão repletas d'enganos  
 E te tornas como as flores  
 Neste dia de teus anos!

Elas são jovens e belas  
 Da candura têm o dom;  
 Têm o brilho das estrelas,  
 Mas um dia murcharão!

Também tu tens a alegria  
 E delas tens a candura;  
 Mas o Deus, em triste dia  
 Cairá na sepultura!

E por isso eu peço a Deus  
 E à doce Virgem Maria,  
 Reputam-se os anos teus,  
 E esteja longe esse dia!

6 de Maio de 1921

Nota: Por falta de tempo, adoptei nesta poesia  
 o mesmo pensamento que na anterior

# A Inocência

Conto

**P**or detrás duma montanha  
Lia o sol brandamente.  
E ao som das Ave-Marias  
Rezava à Virgem o crente.

**E**ra uma tarde de Maio  
Lheia d'encanto e doçura;  
E da verde reba dos campos  
Vinha estranha formosura.

**E** no ~~primo~~ do cemitério  
ajoelhado estava alguém:  
Era uma loira erianca  
Junto ao túmulo da mãe.

**S**eus cabelos cõr do oiro  
Desprendiam-se anelados;  
Tinha erquidas suas mãos  
E os olhos aos céus voltados.

**R**ezava dizendo à Virgem  
Que lhe desse sua mãe;  
Querida ve-la; ou que então  
A levasse a si também.

**S**ua mãe tinha-lhe dito  
Já no leito da agonia  
Que ficava em sua vez  
A doce Virgem Maria!

Continua

## A Inocência - Continuação

**E**ntão em sua candura  
Dizia ela à Mãe de Deus:  
- Já que a não tenho na terra  
Quero ter duas nos céus

**L**eva-me para lá, Senhora  
Quero ir p'ra o céu morar,  
P'ra co'o teu lindo Jesus  
E co'os anjinhos brincar.

**Q**uando surgia a aurora  
Companheira da bonança,  
Junto ao tumbulo da mãe  
Dormia a linda criança

**D**ormia o sono da morte  
Que a virgem lhe concedeu.  
Mas brincava com Jesus,  
E co'os anjinhos no céu!

9 de Maio de 1921



# As Cerejas

Agradecendo a oferta desta fruta  
a Monsenhor Lopes no dia dos seus  
anos.

**E**ntre as verdes folhinhas a cereja  
Nos fascina e seduz dum modo tal,  
Que faz vir a'gua á boca ao mais frugal,  
E aos olhos mais modestos causa inveja.

**T**intas, da rósea cor do sol poente,  
São mais belas que a aurora ao despontar,  
Mais risonhas que estrelas a brilhar,  
E mais meigas que a lua sorridente.

**Q**uando postas em cima desta mesa  
Depois de se jantar alegremente,  
Então é que elas têm toda a beleza!

**S**orriem nossos olhos com amor,  
Sorri o nosso rosto de contente,  
E os lábios vibram: Viva o Monsenhor!

Recitado no jantar,  
deante do Monsenhor.

17 de Maio de 1921

# As Ave-Marias

**O** sol vai descendo  
Por entre mil rosas,  
Que do céu, formosas  
Se vão desprendendo.

**C**oberta de flores  
A linda roseira,  
Espalha, altaneira  
Suaves odores.

**M**urmuram as fontes  
Por entre penedos;  
E nos arvoredos  
Dos próximos montes;

**S**orzeiam as aves  
O último adeus,  
Erquando até Deus  
Seus hinos suaves.

**C**om doce rumor  
O vento assobia  
Com paz e alegria  
Santigas d'amor.

**R**ecolhem aos ninhos  
D'amor entre sonhos,  
Alegres, risonhos  
Os bons passarinhos.

**E** nas serranias  
Onde echos ressoam,  
Os sinos entoam  
As Ave-Marias.

**D**escobre-se o crente,  
Despede-se o sol,  
E do rouxinol  
O trino se sente

# O Deseídio

**E**scureceu-se o sol; toldou-se o ar;  
E no céu, o relâmpago bailhou.  
O raio incendiado scintilou,  
E o trovão começou a ribombar.

**A** terra estremeceu; rugiu o mar.  
Muitas rochas o raio despedaçou;  
E a terra de seu seio vomitou  
Corpos que nela foram repousar!

**E**nquanto eu, admirado, penso e scismo  
Este facto tão estranho causa de  
A este tão medonho cataclismo,

**C**om horror apontando para a Cruz  
A natureza inteira respondeu:  
Vê! - E comigo chora o Bom Jesus!

Maio de 1921

# O Pôr do Sol

Uma formosa nuvem dourada  
Stá colocada por cima do sol;  
As brisas trazem, cheio d'encanto  
O meigo canto do rouxinol.

O mar nas ondas stá retratado  
Feixe dourado de luz solar;  
E nas areias da linda praia  
O mar se espraia mui devagar.

Cantam as aves hinos sonoros  
Em lindos coros, buscando os ninhos  
E a lua surge com puro alvor  
Beijando a flor com ternos carinhos.

Sinos entoam Ave-Marias  
Nas cercanias, echoando os montes;  
E o sol se esconde em ondas formosas  
Deixando em rosas os horisontes.

Maio de 1921

# Ave, Maria!

**A**ve, Maria! Imaculada rosa,  
Pura, formosa, sideral princesa!  
Cheia de graça e tua santa vida  
Enterteçada de invulgar pureza.

**E**ntre as mulheres és a mais bendita,  
Que tens a dita de ser Mãe de Deus;  
Não-de louvar-te as gerações futuras  
As almas puras e a mansão dos céus.

**B**endito é o fruto do teu santo seio  
Que ao mundo veio p'ra morrer na Cruz!  
Oh! faz que possa vos ir ver um dia,  
A ti Maria, e ao filho teu, Jesus.

10 de Junho de 1921

# Saudade!

Saudade! pulsar ligeiro  
Dum coração na partida;  
Eisonho morrer duma alma  
Que pela dor foi vencida.

Saudade! sonho de fada  
Que a aurora vem desfazer;  
Flores de tristes matizes  
Que o pôr de sol faz morrer.

Saudade! gemer dum sino  
No seu dobrar a finados.  
Leva que morre embalada  
Entre raios prateados

Saudade! beijos ardentes  
Que o mar imprime na areia  
Ao som vago e harmonioso  
Do cantar duma sereia

Saudade! místico enlace  
P'los anjos do paraíso  
Dos perfumes duma lágrima  
E' as docuras dum sorriso.

9-7-921

Porto, 19 de Março de 2005

Senhor Dr. João Gomes  
Meu Ex<sup>mo</sup> Amigo

Como está? E os seus, todos bem?

Descobri, há dias, misturado com o espólio da MOBIL, um envelope desta contendo um maço de fotocópias já muito manuseadas e gastas pelo tempo, de perto de 100 versos do P<sup>o</sup> Abel, datados de 1920/1921, quando, cf 18/19 anos era seminarista em Braga! São soneto, quadras, muitas quadras, oitavas, etc.

Ygnoro, ou não me lembro de todo, quem me deu este belo presente! É que, ou estou a ficar senil ou acho que nunca as tinha visto, embora o pseudónimo de "FAUSTO DE STA. HELENA" me não seja estranho.

Será que o FORUM já tem isto nos seus arquivos? É que o que eu tenho são fotocópias e, como, aqui e ali já se liam mal, por segurança decidi manusear-las e aqui lhe mando fotocópias disso.

NOTA PESSOAL: Pessoalmente e sob o aspecto literário, ou técnico-literário, não acho que alguns dos poemas sejam de grande valia, na rima, na métrica, etc., mas todos têm conteúdo e dão para mostrar já aí, aos 18 anos, a sua fé, também que ele, P<sup>o</sup> Abel, foi um jovem normal do seu tempo mas e sobretudo, que já adorava o CRIADOR NA COUSA CRIADA e, mais tarde, o CRIADOR NAS CRIATURAS - vis-à-vis a "PROCISSÃO DOS PASSOS" e todo o Calvário da sua vida como exemplo disso.

Despeço-me desejando-lhe saúde e  
BOAS PÁSCOAS.

Adalberto Nário Varzim Miranda